

Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast

PATRICIA DOS SANTOS PINHEIRO 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
patriciasantspinheiro@gmail.com

CAMILLA IUMATTI FREITAS 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
milla.iumatti@gmail.com

ANATIL MAUX DE SOUZA 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil
anatil_@hotmail.com

STEPHANIE SACCO 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
stephaniefsacco@gmail.com

GLAUCO FERNANDES MACHADO 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
glaucomachadofotografia@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175301

resumo Na última década a internet tem ocupado um espaço importante na sociabilidade brasileira. Ainda que marcada por assimetrias e desigualdades no acesso e no uso pleno das plataformas, dispositivos e recursos do digital, tem se mostrado como propulsor para ideias e discussões. O processo inclui a difusão e popularização de mídias digitais, como o podcast. Este artigo discute mais especificamente as possibilidades de utilização do podcast na experiência de divulgação e comunicação científica em antropologia. Partimos da experiência de produção do podcast *Observantropologia* para avaliar dois aspectos: a circularidade entre mídias que constituem parte de uma rede sociotécnica, e a presença do digital como mobilizador de afetos *nas* e *a partir* das mídias.

palavras-chave Podcast. Redes sociotécnicas. Difusão científica.

Unboxing ideas: on digital media and the circulation of anthropological knowledge through podcasts

abstract Internet occupies an important space in Brazilian sociability during the last decade. This process is marked by asymmetries and inequalities related to access and full use of digital platforms, devices and resources. At the same time, it has proven to be a driver for ideas and discussions. It includes the diffusion and popularization of digital media, such as the podcast. The article discusses more specifically the possibilities of using the podcast in the dissemination and scientific communication in anthropology. It is based in the production of our podcast, Observantropologia, and aims to evaluate two aspects: the circularity between media that are part of a socio-technical network, and the presence of the digital as a mobilizer of affections *in* and *from* the media.

keywords Podcasts. Socio-technical network. Scientific communication.

Desconfinando ideas: reflexiones acerca de las medias digitales y la circulación del conocimiento antropológico medio el podcast

resumen En el último decenio, el Internet ha ocupado un espacio importante y se ha vuelto cada vez más importante en la sociabilidad brasileña. Aunque caracterizado por las asimetrías y desigualdades en el acceso y el pleno uso de las plataformas, dispositivos y recursos digitales, ha demostrado ser un motor de ideas y debates. El proceso incluye la difusión y popularización de los medios digitales, como el podcast. En este artículo se examinan más específicamente las posibilidades de utilización del podcast para difusión y comunicación científica en antropología. Desde la experiencia de producción del podcast Observantropología evaluamos dos aspectos: la circularidad entre los medios que forman parte de una red sociotécnica, y la presencia de lo digital como movilizador de afectos *en* y *desde* los medios.

palabras clave: podcasts; redes sociotécnicas; difusión científica.

Introdução

“Seja muito bem-vinda, seja muito bem-vindo, você está no Observantropologia”. Essa frase, seguida de um som de berimbau com efeitos de edição é parte da vinheta de abertura do podcast criado por pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB), em abril de 2020. Em um momento peculiar marcado pela pandemia de Covid-19, o Observantropologia foi criado com o desafio de pensar a antropologia em contextos de crise e também as relações mais amplas entre ciência e sociedade focado em experiências de pesquisa e intervenção relacionadas aos direitos humanos e ao respeito às especificidades culturais.

A declaração da situação de emergência em virtude dos efeitos do novo coronavírus desencadeou no Brasil e no mundo uma série de adaptações na estrutura do trabalho de

pesquisa em virtude da impossibilidade de interações face a face. Se já enfrentávamos uma intensificação de relações online ou mediadas por computadores e mídias digitais móveis, como o *smartphone*, em pouco tempo a sociabilidade foi sendo colonizada (cf. SEGATA 2020) - para uma parcela da sociedade - por uma série de artefatos e espaços de interação que instauraram um novo léxico para modos de interação e também interfaces de comunicação. Um suposto fundamental é que essas mídias foram apropriadas de maneira desigual entre os grupos sociais em virtude de questões ligadas tanto ao consumo digital e ao acesso quanto a trajetórias biográficas e geracionais, dentre outras expectativas relacionadas ao modo como o digital é mediado, também, por categorias de diferenciação.

As transformações das socia(bi)lidades durante a pandemia repercutiram também em um interesse por novas formas de interação e compartilhamento de conhecimentos que têm como cenário um contexto mais amplo de disputa pela verdade e (des)legitimação das instituições de produção, validação e difusão do conhecimento profissional qualificado. Essa dinâmica complexa retoma assim algumas das questões centrais colocadas por Foucault (1997) em torno de uma “vontade de saber” que se materializam no modo como distintos sujeitos e instituições manuseiam e gerem suas práticas discursivas.

No caso da antropologia, pode-se dizer que a experiência social da pandemia foi acompanhada por esforços de pesquisadores, órgãos de classe, instituições de pesquisa e coletivos para se aproximarem do debate público e qualificá-lo. Desse processo, consideramos ter emergido tendências complementares: primeiro, perceber as configurações que caracterizava os efeitos da pandemia e o sofrimento social de grupos culturalmente diversos; e, segundo, a tentativa de conectar ações e compartilhar informações entre os diferentes atores envolvidos no debate, desde agentes institucionais, documentos e rotinas burocráticas, até as pessoas comuns. Revelou-se assim tanto o interesse por essa nova dinâmica em que o conhecimento circula e se converte em informação (STRATHERN 2014: 351), como também a busca de instrumentos de apoio aos grupos sociais com os quais temos estabelecidas relações de pesquisa, interlocução e mediação política e epistemológica.

Foi nesse sentido que ainda nos primeiros meses da pandemia foi estabelecido um grupo de trabalho que resultou no Observatório Antropológico da UFPB, que tem como objetivo unir a reflexão antropológica ao fortalecimento de ações e redes de apoio junto a grupos e sujeitos que têm sido alvo de processos de vulnerabilização e de exposição sistemática ao sofrimento e à dor causados pela expansão da pandemia. Uma das ações foi o acolhimento da ideia de um podcast, que nomeamos como Observantropologia, objeto central da reflexão neste artigo.

Vindas de várias partes do país, estamos situadas¹ no Nordeste brasileiro, no estado da Paraíba, nosso lócus no intercruzamento de múltiplas vivências. Com o podcast, temos como propósito a construção de um espaço de comunicação e divulgação científica que

¹ Por convenção adotamos neste artigo o feminino como universal para referirmos às nossas próprias narrativas e impressões. Quando nos referimos a outros interlocutores e colaboradores, usamos os respectivos pronomes.

articula ensino, pesquisa e extensão a partir da antropologia e envolve um amplo conjunto de pesquisadoras/es que atuam em diferentes temáticas e que estão em variados níveis de formação. Como anunciado na sequência de nossa vinheta de abertura, isso implica em enfrentar o desafio frequentemente reiterado de ir além dos muros da academia.

Fomos instigadas a pensar como se dão os atravessamentos que constituem as relações entre ciência (em especial as humanidades) e sociedade. O objetivo deste artigo é apresentar a experiência de produção do podcast como modo de refletir sobre duas instâncias articuladas: por um lado a sua produção e a possibilidade de uma maior circulação do conhecimento para além da universidade, valendo-se de mídias e espaços digitais; por outro nos dedicamos também a pensar a constituição de uma rede de relações sociotécnicas entre diferentes mídias e plataformas que se influenciam umas às outras a partir dos distintos conteúdos que mobilizam e dos afetos e ansiedades *nelas* e *a partir* delas.

As duas instâncias acima referidas estão conectadas no modo como temos construído nossa reflexão sobre a mídia podcast e sua relação com a difusão do conhecimento antropológico. Essa conexão se estabelece pela constituição de uma rede, *a la* Latour (2012), ou seja, um aglomerado de processos e formações de grupo dos quais participam seres variados, sem reduzi-los hierarquicamente em categorias segundo sua ontologia ou segundo seu lugar nas causas e efeitos.

Esses processos implicam a produção de redes sociotécnicas. Como discorre Rifiotis (2016), que emprega o hibridismo do humano e do não humano, a agência não humana e o ciberespaço, na perspectiva sociotécnica há um afastamento da maneira como se utilizam dicotomias muito empregadas nos campos do conhecimento, como, por exemplo, no paradigma estruturalista. Ainda conforme o autor, a rede em mídias digitais não atua de modo homogêneo nos indivíduos e nas sociedades, pode tanto “produzir aproximação, quanto distanciamento. Ela é metáfora, discurso, contexto, mediador, intermediário, dependendo em qual ação os agentes estão envolvidos” (RIFIOTIS 2016: 124).

Trata-se de uma inter-relação que não é autocontida (cf. SLATER; MILLER 2008), tendo em vista que os contextos *on* e *offline* refletem, recriam e modulam realidades entre si. Nesse universo que conecta computadores, plataformas *online* e pessoas, dos 16 episódios publicados até a finalização deste artigo, selecionamos alguns em panorâmica etnográfica, que serão apresentados em quatro atos, após o introito, seguindo os passos de um podcast.

Introito: O início do Observantropologia

Era início de abril de 2020, estávamos nos primeiros dias de quarentena, e entre alguns grupos acadêmicos de *WhatsApp* que fazíamos parte, havia uma dúvida quase uníssona entre pesquisadoras/es acerca das implicações da pandemia de Covid-19 nas pesquisas etnográficas que partiam de interação *in loco* e relações face a face. Havia aquelas/es que se preparavam para sair para campo e não tinham ideia do que iria acontecer com as pesquisas - e seus prazos -, ou quem fora cooptada/o de surpresa pela pandemia.

Enquanto isso, foi dado início às ações do Observatório de Antropologia da UFPB. Frente às emergências que acometiam nossos interlocutores de pesquisa no estado da Paraíba, a proposta de manter os laços com estes, reformulando ações num novo contexto, passou a dar forma e conteúdo para as atividades do Observatório. A essa altura, uma das ações era buscar informações sobre como comunidades indígenas, ciganas, quilombolas e de periferias urbanas estavam convivendo com a pandemia e possíveis formas de minimizar os seus efeitos (PINHEIRO; SANTOS 2020). Aliado a essas mobilizações, elaboramos uma proposta de podcast visando a troca de experiências sobre a continuidade das pesquisas dos alunos do Programa de Pós-Graduação, a partir de um núcleo idealizador (com três pesquisadoras que são as âncoras: uma mestranda, uma doutoranda e uma pós-doutoranda). Juntaram-se ao trabalho três pessoas para a edição, doutorandas em antropologia².

Um podcast, segundo Lundström e Lundström (2020) é uma mídia localizada na interseção entre o digital e o não digital, baseada em três tecnologias: uma gravação de áudio, a internet e um *feed RSS (Really Simple Syndication)*, que é um arquivo de texto em XML (*Extensible Markup Language*) que informa aos aplicativos “agregadores”³ toda vez que um novo conteúdo é adicionado em seu programa. O podcast pareceu como um bom meio para fruição de conteúdos em mídias digitais que possibilitasse a reflexão dialógica sobre o campo de pesquisa antropológica, os impactos da Covid-19 e também para a divulgação e comunicação científica em antropologia. Nasceu assim a ideia de produzir, inicialmente, dois quadros principais para o programa: o Antropologia à Conta-Gotas e o Pílulas Antropológicas⁴.

O primeiro é um quadro voltado a estudantes em processo de formação e conduzindo pesquisas de campo, como apresentamos nos Atos I e III. A maior parte das participações discute alternativas para lidar com os desafios que a pandemia trouxe, já que todos tiveram que reconfigurar suas pesquisas. Com a mediação das âncoras, as e os estudantes entrevistaram docentes e/ou interlocutoras e interlocutores de pesquisa e dividiram um pouco suas angústias e possíveis caminhos que encontraram para suas pesquisas. Nos primeiros quatro programas, sobre pesquisas bastante distintas - usuários de cannabis medicinal, patrimonialização da arte em barro, cultura popular e políticas públicas, e luto - é possível observar como a internet e as redes sociais se tornaram um espaço importante de pesquisa, de engajamento, trabalho e até rituais de despedida da morte.

² Anatil Maux (UFRN), Thiago Oliveira (USP) e Glauco Machado (UFPB), técnico na área de audiovisual do quadro de servidores da UFPB e do Laboratório de Antropologia Visual - Arandu.

³ São aplicativos para computador e celular que hospedam arquivos de áudio - músicas e podcasts - e funcionam com *streaming*. A maior parte permite acesso sem cadastro e de forma gratuita. Exemplos são: Spotify, Deezer, Apple Music etc.

⁴ A escolha do podcast como difusor dessas ideias foi estimulada por outros projetos que existiam àquela altura, assim como outros que vieram depois. Somos inspiradas por iniciativas como o AntropoLógicas, uma série especial do MuseoLógicas podcast, realizado pela UFPE; o podcast Mundaréu, vinculado à Unicamp e à UnB, e o Antropólis, produzido pela UFPel.

Já o quadro Pílulas Antropológicas traz entrevistas sobre temas latentes da pandemia pelo olhar de antropólogas especialistas, como políticas públicas, saúde mental e saúde, tecnologia e biossegurança e políticas de refúgio para indígenas. Buscamos nesse quadro, presente no Ato II, mostrar a importância da antropologia na análise da pandemia e cada uma das linhas de consequências que ela trouxe.

Com o tempo, nós, que éramos todas iniciantes no mundo dos podcasts, vimos a oportunidade de usar esse meio para produzir peças sonoras mais artísticas e começamos a experimentar em programas curtos, abrindo espaço para outros modelos narrativos disponíveis a nossa volta e compatíveis com os fenômenos em questão. A esse quadro-experimento, que será descrito no Ato IV, chamamos de *pop-up*, tendo uma narrativa e interação mais livre e artística.

Nesse contexto de distanciamento físico, os meios digitais nos mantiveram em constante conexão: a produção do podcast conta com reuniões virtuais, bem como um grupo de mensagens instantâneas. Juntas, pensamos desde a concepção do programa, o convite e/ou recepção de convidadas/os, elaboração de roteiro, levantamentos de dados, ajustes junto às convidadas/os, gravação, decupagem, edição, finalização e exportação do arquivo e difusão. Como o programa iniciou durante a pandemia, não contamos com um estúdio de gravação, mas nos valem de celulares, fones de ouvido, computadores e cabanas acústicas improvisadas com cobertores ou isolantes acústicos. Na gravação e edição, já nos deparamos com todo tipo de desafio: fones de ouvido incompatíveis, novos programas de gravação síncrona, (des)conhecimento de edição e decupagem, percepção de vícios de linguagem, dificuldade de ter um espaço silencioso, assim como a observação de tendências algorítmicas com a finalidade de aprimorar estratégias de difusão.

Fizeram parte do nosso cotidiano discussões sobre os temas, roteiros, convidadas/os, formas de divulgação, tessituras sonoras, dicas de outros podcasts, além de conhecimentos sobre equipamentos de captação de áudio e programas de edição, como um laboratório de experimentação contínua. À dimensão sociotécnica do fazer incorpora-se também a composição de modos de usar o corpo. Em outros termos, os direcionamentos e a constituição de protocolos de conduta nas gravações eram seguidos por outros artefatos e mediadores que aproximavam antropólogas, máquinas, *softwares* e outros humanos responsáveis pela edição do material, mesmo que temporariamente sem a aproximação física.

Na complexidade da presença de objetos, interesses, dispositivos e seres humanos, em constante relação e construção performativa do mundo, há um processo de tradução que significa deslocar objetos, interesses, dispositivos e seres humanos. Tradução que implica desvio de rota, invenção de conexões que antes não existiam e acaba por modificar os elementos imbricados (LATOURET; WOOLGAR 1997). Desse modo, o que se traz à tona são fluxos, associações, agenciamentos e circulações que delineiam estruturas de ação e convidam a agir desta ou daquela forma, nas quais os seres são modificados e modificam aos outros, diante de seus vários e por vezes contraditórios interesses. E é nessa justaposição de

elementos animados e inanimados, conectados, agenciados, que a experiência assume lugar de redescoberta como tipo de configuração produtiva.

Nas seções a seguir nos dedicamos à análise de alguns eventos que nos parecem significativos dos processos que buscamos discutir aqui e que permitem refletir alguns encontros e desencontros entre academia e sociedade que são potencializadas *no* e *através* do digital.

Ato I - Aspectos terapêuticos da cannabis

O nosso segundo programa, chamado “Ativismo pelo uso medicinal da cannabis”, foi com as convidadas Clordana Aquino, que tem desenvolvido pesquisas sobre o tema, e Margarete Brito, uma das fundadoras e diretora da Associação de Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal (Apepi). O debate foi sobre o uso da cannabis medicinal na Paraíba, sobre as mudanças na rotina das famílias usuárias e das associações que fornecem a *medicina* para elas, diante do isolamento social, e também as próprias mudanças na pesquisa de Clordana - que envolvia uma etnografia com essas famílias.

O programa, além de informar sobre as atividades que a Apepi desenvolve na defesa da descriminalização da maconha, relacionou aspectos sobre como a pandemia havia modificado a rotina da Margarete, tanto enquanto mãe de uma criança que exige cuidados especiais dada sua condição de saúde, quanto como de uma profissional que desenvolve trabalhos na associação para mediar o uso e a distribuição de cannabis para fins medicinais.

Após algumas semanas da publicação do episódio em nossas redes sociais, em datas muito próximas, divulgamos também o texto de Clordana para a coluna (Des)confinamento de ideias, que se propõe a operar um movimento inverso: nela, vamos do podcast para o texto. Como é usual em nossas redes, seguimos com divulgação sincronizada nas plataformas digitais: vídeos no *Youtube* são também disponibilizados no site, no *Facebook* e no *IGTV* do *Instagram*; reportagens são anunciadas nas redes sociais e depositadas junto às demais notícias do site; o podcast está nas redes sociais e tocadores; os materiais circulam pelo *Whatsapp*; e nos aventuramos também no *Twitter*. Há uma circularidade entre materiais e plataformas na gestão do conteúdo produzido. Imagens, som, texto e audiovisual se complementam e se constituem mutuamente no modo como gerimos o processo de conversão do conhecimento antropológico em informação para o público (cf. STRATHERN 2014).

Cada plataforma é acessada por públicos distintos, mas invariavelmente são abordados temas sensíveis. Na época da postagem do texto sobre a cannabis também foram divulgadas desde campanhas de combate à violência doméstica até um vídeo sobre a iniciativa de apoio à população em situação de rua Jampa Invisível. E foi quando tivemos suspensões das redes sociais que só foram resolvidas meses depois, que nos levaram a reflexões sobre possíveis denúncias à página e a dificuldade de abordar alguns temas ligados ao respeito a especificidades culturais, por vezes enfrentando polêmicas em uma arena pública repleta de embates, na qual a antropologia é frequentemente alvo de críticas.

A divulgação científica, para a antropologia, implica em adentrar nesses pontos sensíveis, como o uso medicinal da Cannabis. Como forma de estimular reflexões críticas sobre a nossa sociedade, elegemos temas urgentes e esperamos amplificar essas experiências para além da academia, fortalecendo redes de articulação que envolvem o enfrentamento aos preconceitos e violações de direitos, como racismo, machismo e xenofobia.

Levando em consideração que a internet é frequentemente mediadora das comunicações contemporâneas, as redes sociais, e especificamente o uso de *streamings* de tocadores de podcasts, com suas convenções de compartilhamento específicas, foram espaços de desafios para entender as interações entre pessoas que utilizavam estratégias de comunicar suas pesquisas, mas também de trazer experiências de vida; ou até mesmo de firmar posicionamentos políticos, mobilizando catarses, trocas e reflexões nas mais variadas possibilidades combinatórias entre produto e produção.

Phelippe Quéau (2008) concluiu que “o virtual nos estimula a colocar de forma nova o real” (QUÉAU 2008: 99). De forma complementar, essa reinvenção do que seria “real” perpassa por processos de acomodações adaptativas que fazem parte de uma teia de comunicações inter-relacionadas. Sobre isso, a cibercultura é percebida como uma “nova ordem do real” (KIM 2004). Por esse motivo, reconhecer a trajetória da etnografia virtual (HINE 2005) como elemento basilar para pensarmos no contexto vivido globalmente por uma pandemia estimulou diálogos que partiriam da realidade posta. O que estava na ordem do dia era repensar nossas estratégias de pesquisa etnográfica, fortalecer nossos posicionamentos na arena pública e especialmente junto a nossas interlocutoras.

Estávamos conscientes das especificidades sutis que os universos *on* e *offline* operam (MILLER; SLATER 2008), ou seja, o que muitas vezes é dito *offline* nos permite acessar determinadas subjetividades, que a interação mediada pela internet não permite, ao passo que o universo *online* algumas vezes desvenda certos tabus, exatamente pela ausência da presença física e por, muitas vezes, estarem agrupadas com pessoas que compartilham experiências e interesses comuns.

Deste modo, entender o virtual em seus prolongamentos de vínculos - e expectativas - de algo físico nas multiplicidades de seus alcances, também nos leva a pensar acerca dos desdobramentos da classificação de etnografia virtual como orientação de pesquisa: etnografia *online*, netnografia, ciberetnografia ou etnografia virtual desafiam concepções de encontro etnográfico e percepções acerca das subjetividades das pesquisadoras/es que se aventuram nesse universo. Em tempos de pandemia, desafiaram duplamente, pois esses vínculos, em muitas das situações que acompanhamos ou vivenciamos, foram reposicionados para uma resposta à crise.

Em relação aos debates sobre cibercultura no âmbito etnográfico, Segata e Rifiotis (2016), do Grupo de Pesquisa em Cibercultura, contam como a etnografia realizada por/através/com a internet foi inicialmente recebida por antropólogas e antropólogos com ‘desconfiança’, tendo em vista que este tipo de pesquisa que se propõe a pensar no hibridismo máquina-humano desafia, muitas vezes, o encontro face a face, consagrado nas etnografias

clássicas. Apesar de ser atualmente um campo consolidado, a coprodução com e pelas tecnologias digitais exige constante revisão na agenda teórica, metodológica e na própria atuação da antropologia (SEGATA; RIFIOTIS 2016: 10). Os autores chamam a atenção para a necessidade de sistematização dos fundamentos de uma “etnografia da ação” e, nessa imbricada rede de relações, observar a própria redefinição de papéis entre os envolvidos.

Já Miller e Slater (2004) discutem uma abordagem etnográfica da internet em que se deriva de relações *on* e *offline*. Para os autores “[...] a etnografia compreende um leque de canais metodológicos [...] que permitem emergir não só conhecimentos mais profundos como também conhecimentos que não confirmam as observações iniciais” (MILLER; SLATER 2004: 44). Para isso, os autores afirmam que deverá existir uma maneira de reiterar a esfera de interação, considerando também contextos mais extensos. É nessa amplitude que se localiza a produção de conhecimento e divulgação científica por/através/com de mídias digitais, como os podcasts. Conscientes disso, entendemos que os contextos produzidos pela experiência de uma pandemia e pelo isolamento físico intensificava os usos das redes sociais como estratégia de manutenção da sociabilidade, o que pode nos conduzir para a reflexão dos rebatimentos disso nos campos de pesquisas etnográficas.

Essa reflexão sobre a etnografia virtual nos calçou teoricamente para realizar a divulgação e comunicação científica com a intenção de atingirmos um público consumidor de podcast e também de fortalecer nosso campo científico, tendo em vista outro fator preponderante do momento atual: os ataques políticos às ciências humanas. Enquanto a reflexão sobre confinamento e vigilância ganha novas nuances, perguntamo-nos sobre o lugar da produção intelectual de povos tradicionais e populações periféricas nessa discussão, assim como os enfrentamentos de temas críticos, como o próprio uso terapêutico da cannabis.

Ato II: Saúde mental

Cada episódio do Observantropologia é pensado dentro da perspectiva da divulgação e comunicação científica. França (2015), que estudou esses processos em interatividades na *web*, argumenta que estas são formas de incluir pessoas leigas no debate das ciências. Contudo, se essa tradição de divulgação é mais consistente no campo das ciências exatas, da natureza e da vida, no contexto das ciências sociais elas ainda são poucas, exceto na história e na filosofia. Assim, uma das questões colocadas é como pensar estratégias compatíveis com o projeto de conhecimento próprio da antropologia. Deste modo, entendemos que, ainda que a antropologia tenha historicamente se constituído tendo a diferença como um instrumento analítico e teórico central, o que se inscreve aqui passa pelo tipo de relação que se negocia com interlocutoras/es de pesquisa neste campo.

Frente a isso, um elemento central é o próprio acesso à internet. Ainda que os dados sobre consumo de internet revelem profundas desigualdades no letramento digital e no modo como os sujeitos consomem e se relacionam com as mídias digitais, temos apostado no digital para estabelecer aproximações entre o conhecimento público produzido na

universidade e públicos mais amplos, apresentando-o em uma linguagem acessível. Segundo dados do TIC Domicílios (CGI 2019: 111), em 2018 23% da população brasileira não tinha acesso à internet. Ainda que a pesquisa tenha registrado um aumento no acesso em todo o território nacional - intensificada durante a pandemia, cabe acrescentar -, é necessário pensar os modos pelos quais o consumo e a relação com a conexão virtual se estabelecem, usualmente com massiva utilização de internet via *smartphones* com priorização de aplicativos de trocas de mensagem como serviço gratuito.

Pesquisas como as de Nemer (2019), Cesarino (2019) e Kalil (2018) têm investido nos efeitos dessa circulação restrita sobre o ecossistema político. Segundo Nemer, o modo como a informação é comprometida nesse processo revela os cruzamentos e as sobreposições entre desigualdades digitais e sociais. Nesses termos, ainda que reconheçamos os limites do podcast, apostamos também na potência de uma mídia em expansão e que constitui parte do cotidiano e da sociabilidade, eventualmente permitindo abordagens complementares aos veículos de comunicação de massa.

Em termos de difusão de conhecimento e informação, os podcasts parecem ser uma alternativa que tem se aproximado da comunicação popular no contexto atual. Soraya Fleischer e Daniela Manica (2020) ressaltaram a intertextualidade proporcionada na produção de um podcast, já que através deles podemos utilizar recursos como apresentação de textos literários, músicas, entre outros incrementos para compor um episódio. Com cuidado para não simplificar conceitos complexos, a ideia da divulgação científica é trazer conhecimento para que as pessoas sejam instigadas a refletir de forma qualificada sobre o mundo em que vivem. Um bom exemplo de como essa construção é feita é o episódio Saúde Mental e Antropologia, que foi ao ar no dia 16 de julho de 2020 e é o mais escutado do programa.

A escolha do tema sempre leva em consideração fatores paralelos. A relevância para o momento que estamos vivendo, nosso próprio conhecimento sobre o assunto como produtoras do programa, a identificação de pessoas em nossas redes que dominam o assunto. Os e as convidadas são pessoas que têm disponibilidade e interesse em construir um projeto-episódio conosco e que conseguem, em algum nível, conversar sobre seu tema de estudos adotando uma linguagem acessível, sem perder a profundidade do assunto.

Na primeira temporada buscamos trazer uma análise qualificada dos diferentes impactos sociais que a pandemia trouxe, e a relevância da antropologia e das demais ciências humanas para os estudos em saúde foi uma das primeiras pontes que procuramos fazer. Naquele momento íamos para o quarto mês de quarentena e, de formas diferentes, o bem-estar mental das pessoas do mundo todo foi afetado. A morte de pessoas próximas, o distanciamento social para os que tiveram essa possibilidade, o medo constante da morte e da falta de recursos, as novas regras de trabalho e de estudos, a colonização digital e seus efeitos de adoecimento mental... tudo isso borbulhava.

Como nenhuma das produtoras do podcast é especialista ou conhece profundamente o campo da saúde mental, convidamos a pesquisadora Rafaela Porcari para construir o

roteiro do episódio conosco. Em sua pesquisa de mestrado, ela estuda a crise em saúde mental, inspirada em seu trabalho como Terapeuta Ocupacional em um Centro de Atenção Psicossocial e numa enfermaria de saúde mental em um hospital geral, no interior de SP, alguns anos antes. Sua multidisciplinaridade e intenção de trazer o saber antropológico, assim como a atenção para os sujeitos em sua atuação profissional foram essenciais para o desenvolvimento do roteiro.

Nossa convidada para esse programa foi a professora Sônia W. Maluf, professora titular da UFSC e professora visitante na UFPB. Algumas semanas antes, ela havia participado da aula inaugural online do Mestrando em Antropologia Social da UFAL, com a aula *Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia*. Como ouvintes, percebemos que havia a oportunidade de desenvolver mais a fundo o debate sobre saúde mental que havia começado ali.

O roteiro foi elaborado pela nossa equipe de produção com Rafaela Porcari, e posteriormente aprovado⁵ por Sônia Maluf. A proposta foi conversar, em menos de uma hora, num formato de entrevista com perguntas e respostas, abordando o tema desde diferentes ângulos. De forma mais reflexiva, pensando em compartilhar experiências entre pesquisadoras, refletimos sobre como estava nossa própria saúde mental. Buscamos assim criar uma espécie de ambiente seguro e de empatia com ouvintes que estivessem passando por situações parecidas.

Nas nossas conversas de alinhamento, antes da gravação do programa, deixamos explícita nossa intenção de produzir um conteúdo especializado que fosse palatável para pessoas de fora da academia, mas que deixasse marcada a importância do debate e da multidisciplinaridade nos estudos da saúde. Os retornos que obtivemos de pessoas com pouca familiaridade com o mundo acadêmico em redes de interlocutores foram positivos em relação à inteligibilidade da discussão e sobre os *insights* proporcionados para o entendimento do tema. Um bom exemplo foi a mensagem⁶ que uma pessoa da rede próxima de Rafaela mandou após ouvir o episódio, compartilhando o que de nossa conversa reverberou nela:

[...] percebi também que a Sônia é uma pessoa mais vivida, já é aposentada, e firma mais ainda o que estamos pensando em fazer - trabalhar sim, mas trabalhar menos e usufruir do trabalho que nós fizemos na vida toda. Tirar o pé do acelerador. Acho que tudo faz parte. Tanto o trabalho, quanto o lazer, e tudo mais, e percebi que todo mundo está com saudades da vida normal que era antes, que tá fazendo falta a proximidade com as pessoas, o abraço, beijo, a conversa, a visita na casa das pessoas, tomar uma

⁵ Em alguns casos, após a concepção do roteiro, submetemos para a aprovação das pessoas envolvidas no episódio a ser gravado. Em outros programas, o roteiro é escrito em colaboração com convidadas.

⁶ A mensagem foi enviada por áudio para Rafaela, que compartilhou com a equipe de produção e nos autorizou a mencioná-la neste artigo.

cervejinha embaixo da árvore, jogar um papo fora. Então tudo isso tá fazendo falta pra todas as pessoas, para o ser humano. Acho que essa pandemia assusta, dá medo, mas ela veio para você ponderar um pouco, pensar na vida, o que é realmente importante, que são as pessoas, o amor, a convivência, que tanta coisa não tem tanta importância. Pra nós nunca teve a questão de participar de shows, de shopping, de marcas, disso e daquilo, mas pra quem faz disso uma coisa importante, imagina só pelo que está passando. Eu vi agora pouco na TV uma reportagem sobre Campos de Jordão. Tá totalmente fechado, só vai abrir para grandes eventos ano que vem. Tanta coisa, e no fim a gente não é nada. Não é mesmo? (Mensagem de áudio, 17 de julho de 2020)

Assim como no episódio em questão, a dialogia (CLIFFORD 1986) é um dos aparatos que nos direciona no sentido da concepção dos temas de cada programa, seus roteiros e etapas, ou seja, estamos interessadas em trazer à baila os debates antropológicos em atualização com o momento em que a pandemia se instalou no mundo. Esse foi um debate suscitado desde os primeiros episódios: como envolver as/os pesquisadoras/es e um determinado público, abordando temas nem sempre unânimes (como vimos no ato anterior) de modo acessível e aberto ao diálogo?

Por mais que tenhamos realizado esforços de ampliar os públicos, seja na construção dos programas, seja nas formas de difusão, essa tarefa ainda é um ponto nevrálgico⁷ e ainda não atingimos divulgação científica ampla. Orientadas na premissa de que a podosfera possibilita a popularização científica (FLEISCHER; MANICA 2020), seguimos construindo os episódios relacionando nossas ideias e das/os convidadas/os para o universo *offline* e sua extensão *online*. Um ponto positivo é que a partir da antropologia tem sido possível uma aproximação com diferentes áreas de conhecimento e de linguagens, tratando elementos inter-relacionados que devem ser levados em consideração na formulação de respostas criativas e dialógicas da ciência à pandemia e reunindo colaboradores de diferentes áreas do saber.

Ato III - A relação entre pesquisa e ação social na pandemia

O luto em tempos de pandemia da Covid-19 foi tema do episódio “Dores, ausências e formas de luto” do quadro Antropologia à conta-gotas, em que conversamos sobre a intensidade dos lutos em função da pandemia, as mudanças nos rituais funerários e as iniciativas de acolhimento dos enlutados atualmente. No momento da gravação, o Brasil havia ultrapassado os 90 mil óbitos registrados oficialmente e tinha 2.566.765 diagnósticos de Covid-19, sem contar a grande subnotificação que imperou durante todo o período de pandemia.

⁷ Iniciativas de buscar rádios abertas têm sido buscadas, por exemplo.

O luto aproximava-se de nós a cada notícia nos jornais sobre os dados diários do novo coronavírus, a cada nota de pesar que recebíamos, a cada amigo, colega ou familiar que enfrentava a perda. Aproximou-se também pela participação de Weverson Bezerra Silva no Observatório Antropológico, que tem sua pesquisa no campo da antropologia da morte. Com ele, elaboramos duas ações: uma campanha de divulgação de canais de apoio e memoriais voltados aos enlutados e o diálogo com pesquisadoras que trabalham com o tema da morte e dos estudos cemiteriais no Brasil no Observatório Antropológico. Além de Weverson, nossas convidadas para esse programa foram Elisiana Trilha Castro, historiadora e presidente da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC)⁸, e Pollyana Calado de Freitas, pesquisadora do Departamento de Arqueologia do Museu Nacional da UFRJ.

Para nós da equipe do podcast, ao mesmo tempo que organizamos a gravação em si, atentando para os detalhes de funcionamento de equipamentos e plataformas *online*, é difícil não sermos emocionalmente afetadas pelos temas que percorremos, em especial no caso desse episódio. O nosso tom de voz, diferente de outros episódios, já expressava a preocupação que o tema nos suscitou. À medida que a conversa se desenrolava na gravação do episódio e que as incertezas e angústias vividas em 2020 eram compartilhadas, a voz expressava essas emoções. Nesse sentido, uma das perguntas feitas logo na apresentação do episódio foi: “O que morre junto com essas pessoas?”.

Outra face dessa conversa foi justamente o que une as convidadas, que é sua participação voluntária em um dos memoriais virtuais, o Memorial das vítimas do coronavírus no Brasil, que por sua vez tem forte participação da ABEC. Lidar com o acolhimento aos enlutados, aos que ficam, sem os usuais rituais de despedida e vivendo o sofrimento da perda, com a divulgação de memórias positivas de pessoas falecidas foi um modo encontrado pelas pesquisadoras do tema para colaborar com esse momento. Os memoriais virtuais utilizam sites e redes sociais para apresentar pequenas biografias de cada vítima, postadas junto com fotos que fazem lembrar a vida dessas pessoas.

Dentro do universo digital, as relações entre morte, luto e internet já foram tematizadas no trabalho antropológico, como ilustra a pesquisa de Andreia Martins (2013) ao explorar a produção de velórios e rituais de sepultamento transmitidos *online*. É interessante, assim como no debate construído, que o digital se torna não apenas um espaço e instrumento de pesquisa, ou seja, um meio e um objeto para reflexão, ele se torna também uma arena para construção de acordos e engajamento entre interlocutores/as e pesquisadores/as.

Entre historiadora, arqueóloga e antropólogas, a conversa discorreu sobre a importância que a antropologia tem tomado nos estudos cemiteriais, como relatou Pollyana, que estuda um cemitério do século 19 - a Casa Amarela, em Recife - e dialoga com a arqueologia comunitária. A pesquisa de Pollyana também procura compreender como a comunidade ao redor se relaciona com o cemitério e como essa relação foi modificada diante

⁸ Mais informações em: <<https://www.estudoscemiteriais.com.br/>>.

das restrições sanitárias aos funerais em tempos de uma pandemia provocada por um vírus altamente contagioso.

A relação entre a ação e a reflexão foi um tema recorrente e a rede de organizações (da ABEC até os memoriais), composta por pesquisadores/as que trabalham o tema da morte e demais apoiadores, destacou-se como suporte para seus participantes, tanto no entendimento coletivo de que o momento demandava ênfase maior na ação social quanto no suporte àqueles que tiveram que pensar as adaptações de suas pesquisas por conta da pandemia. Relacionado ao tema da ação social, nossas convidadas reiteraram o quadro de desigualdades - social, econômica, étnico-racial - no Brasil, refletindo sobre os efeitos para alguns grupos sociais que foram mais expostos ao risco real de morte.

A empatia, a escuta do outro, a busca por compreensão são características da antropologia que permitem a construção de pontes entre sujeitos de pesquisa e o espaço acadêmico, proposta que nossas/os convidadas/os deste episódio assumiram por meio dos memoriais. É também um ponto importante que move o próprio projeto do Observatório Antropológico da UFPB: assim como nossas colegas entrevistadas, estamos buscando unir a reflexão antropológica ao fortalecimento de ações e redes de apoio a sujeitos com quem temos relações de pesquisa e sofrem profundo processo de vulnerabilização social.

Tanto o memorial e os demais projetos com os enlutados da Covid-19 quanto o Observatório Antropológico como um todo parecem coincidir com a ideia da antropóloga como coadjuvante, de Alcida Rita Ramos (2007). Em artigo que pensa o papel do etnógrafo em campo, e a emergência de etnógrafos nativos, ética e ativismo, ela sugere que as/os antropólogas/os devem ser parceiras/os políticos de seus e suas interlocutoras. Como o conhecimento gerado em campo tem a capacidade de mobilizar pessoas e a opinião pública e influenciar em políticas públicas, o papel da ou do pesquisador acaba sendo muito mais do que ativista, mas um “fazedor de conhecimento” que possibilite uma mudança em direção a mais justiça social. Trabalhando como parceiro, lado a lado aos interlocutores/as, o ou a antropóloga se torna assim coadjuvante, auxiliando na construção de conhecimento e na ação social.

Como disse a historiadora Elisiana, já no final do episódio, *só há vida, se há luta*. Como elas mesmas dizem, não basta estudar a morte e os cemitérios, precisamos dar uma contribuição. Das perdas com a Covid-19, o trabalho dos memoriais virtuais guarda a lembrança de cada morte, e luta com isso para minorar os efeitos, subjetivos ou não, de eventos como estes e para que aconteça uma compreensão coletiva destas perdas e reformulações dos rituais de despedidas.

Ato IV - Os pop-up's ou sobre os experimentos sonoros

Com os episódios temáticos previamente planejados, diversificamos nossa narrativa para experimentos sonoros que viabilizassem uma multivocalidade: os *pop-up's*. Os programas no estilo *pop-up* foram iniciados a partir do contato com o grupo de extensão Cine Bixa, formado por um coletivo de corpas dissidentes de vários cursos da UFPB e coordenado

pela professora Luciana Ribeiro. Convidamos as artistas do Cine Bixa, que têm a expertise em performances que tensionam a cisgeneridade e a heteronormatividade, para construir conosco uma performance que se propusesse a trabalhar com sensibilidades sonoras. Foi assim que surgiu o episódio “Você já amou uma travesti?”.

Nesse programa, que foi dividido em atos e que convidou à e ao ouvinte a passear por um teatro imaginário, as artistas Lama Preta e Ayra Liberato recitaram poemas em estilo *slam* construídos para provocar sobre o afeto de corpos travestis e transgêneras e, ao final, Mara Monte interpretou a música “Brasa”, de Jade Baraldo. O “epistáculo” - episódio-espetáculo - produziu um efeito sonoro que nos deslocou para um recital no qual adentramos por intimidades e afetos trans e pudemos refletir sobre a objetificação dessas corpos que, por um lado vivenciam de maneira contundente a violência letal e por outro têm seus corpos hiperssexualizados. Importa destacar que, ao mesmo tempo que o Brasil lidera o ranking de consumo de pornografia trans, lidera também o ranking de país de mais mata pessoas trans⁹.

Trabalhar em programas mais curtos, mas igualmente profundos e reflexivos, nos trouxe a dimensão dos sentidos sobre os quais nos aventuramos a realizar uma abordagem auditiva. A ideia do *pop-up* foi contextualizar o momento presente, com a arte produzida por e para pessoas múltiplas. Deste modo, o podcast, enquanto experiência interpretativa, provoca o uso da audição no sentido mais plural possível, utilizando linguagens poéticas, sonorizadas, musicadas, paisagens sonoras, ruídos, que nos possibilita descansarmos os olhos frente aos constantes estímulos visuais intensificados pela quantidade de produções em *lives*, *webinars* e conferências audiovisuais (FLESCHER; MANICA 2020). Como bem nos lembra Le Breton (2016: 16), os sentidos também operam no *lócus* criativo uma vez que estão “relacionados a uma orientação cultural que encontra fronteiras nas experiências pessoais”. Por isso, o que o autor nos orienta é observar as ações e agenciamentos que surgem a partir da percepção fisiológica dos sentidos.

O segundo *pop-up*, “Habitar através das ruínas”, foi um experimento sonoro no campo do sensível que trouxe a poesia como mote de uma jornada que os integrantes da oficina colaborativa “Habitar e viver: bioconstrução, práticas agroecológicas e alimentação alternativa” se propuseram a registrar¹⁰. A construção dessa intervenção artística configurou-se como um convite aos ouvintes a experimentar sensações através da audição. Além do silêncio e do tambor, foram utilizados estalos de lábios, sussurros, sons nasalados e outras sonoridades produzidas pelo corpo, pelas palavras e estrofes concebidas. O efeito dessa captação e criação proporcionou uma experiência sensorial poética, liberando imagens sonoras à imaginação de quem ouve o experimento. Além disso, provocou uma sensibilidade

⁹ Vide <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/> acesso em 15 de dezembro de 2020.

¹⁰ A oficina colaborativa fez parte do período suplementar da UFPB, de maio a agosto de 2020, como atividade facultativa online. Motivou reflexões antropológicas sobre fenômenos sociais contemporâneos diante de uma crise ambiental planetária, comumente conhecidos como “formas de vida alternativa”.

ao receptor/interpretante da sonoridade, enfatizando elementos antes despercebidos no fluxo acelerado da vida.

Com essas experiências em programas curtos, densos e poéticos, além da possibilidade de comunicação de realidades duras para nossas/os ouvintes, pudemos também refletir sobre as corporeidades que emanam dos sons produzidos na gravação dos episódios. O fato é que, a partir das vias disciplinares de categorias etnográficas do corpo (MERLEAU-PONTY 1999; LE BRETON 2016), aufere-se que as sensações compreendidas em movimento a partir dos sentidos se fazem na dialética do corpo inscrito no mundo, tornando-se assim expressão politicamente situada. Essas políticas, portanto, dispõem de uma estética que elabora significados, pensamentos, experiências e interpretações em um ciclo que se retroalimenta em invenções e sensibilidades cujo formato inscreve cognições que passam a existir nos diferentes modos de inteligibilidade.

No caso dos podcasts, a intervenção social e artística contempla variadas potencialidades em que se abrem dinâmicas instrumentais nas práticas de produção/criação e recepção: a este último, por exemplo, temos relatos recorrentes de que as pessoas ouvem o podcast fazendo comida ou outra atividade manual. Tem sido, assim, um excelente aliado para a imaginação poética nos estímulos e percepções que se propõem em um movimento que compreende o surgimento da estética nas relações políticas do presente a partir de tais sintonias correspondentes. Nos esforços de aproximação entre os diferentes seres que se encontram no podcast – interlocutoras/es, convidadas/os, ouvintes, antropólogas/os – passamos por universos distintos que nos desafiam a repensar a combinação de palavras e recursos sonoros, em um processo em que modificamos e somos modificadas pelo desenrolar da produção.

Nessa experiência sonora que é o podcast, nos diferentes processos e alterações pelo qual cada gravação passa, as pessoas são submersas por imagens sonoras, sons incidentais, exaustão, mente e “materialidade” associadas às práticas sociais e do mundo imaginário nos vários campos de pensamentos e ações que, por sua vez, desencadeiam uma expressão não verbal. Assim, separar “arte” da técnica suprimiria os efeitos que objetos, seus detalhes e ações materiais têm na vida social das pessoas e nos rituais, envolvendo o verbal, o musical, o coreográfico e o estético (LEMONNIER 2012).

Para a edição dos programas, as vozes da conversa assumem um lugar central que se transformam, mediante uso de programa de computador, em ondas sequenciais em forma de gráficos, quase que numa fotografia sonora das palavras, compondo um conjunto de balões horizontalizados que sistematizam as sílabas, os timbres das falas, pausas, ruídos, reações e respiração. A partir da prática com essas ferramentas, é possível notar certas estruturas nos gráficos de som no programa de edição computadorizado que, aos os olhos de quem operacionaliza, já anuncia a palavra correspondente àquele timbre vibracional: vícios de linguagem, por exemplo, como "né"; "hum"; "éé.."; ou até mesmo suspiros e respirações expressivas se tornaram facilmente reconhecidos dentro da estrutura temporal da

representação visual da fala. Desse modo, para a equipe de edição essas grafias figuram reações e trejeitos comuns da comunicação oral entre seres humanos.

A criação da experiência e do material dos programas entremeia texturas, conhecimentos e representa uma construção documental de uma realidade reflexiva na oralidade e outros sons, cujos encontros ocorrem em conversas remotas mediadas e gravadas por aplicativos digitais, bem como em alternativas criativas de roteiros e narrativas em usos de elementos sonoros na confecção de um episódio final. Deste modo, a narração imagética e textual que acompanha as publicações/divulgações dos episódios em redes sociais prepara de modo não linear a ambiência da comunicação referente ao mundo digital. Esta centralidade do universo digital vem ganhando fôlego nas pesquisas etnográficas seja como metodologia, seja como objeto, sujeitos ou interlocução uma vez que o mundo online se tornou parte dos mundos materiais e imaginários que habitamos (PINK *et al.* 2016) e de nossas corporalidades estendidas (HINE 2005).

Considerações finais: (des)continuidades no digital

O Podcast Observantropologia nasceu como um experimento sonoro virtual para refletir sobre a pesquisa e as emergências da antropologia nesses tempos extraordinários. No começo, pretendia ser um espaço para trocar impressões e ideias e logo foi se aproximando de debates que estavam na sociedade e que fazem parte da agenda do dia. Essas questões são também mobilizadoras de outras ações como projetos de pesquisa e extensão que tentam reduzir as distâncias entre universidade e a sociedade, ou mesmo dos grupos de pesquisa como espaços acadêmicos e afetos para formação e construção colaborativa do conhecimento. O podcast não é muito diferente disso. No fim, somos pessoas tentando comunicar, aproximar-nos e crescer uns com os outros.

Ainda que o Observantropologia tenha surgido no momento de suspensão temporária das atividades de pesquisa face a face, como mídia, os podcasts têm um histórico anterior à pandemia no modo como na antropologia procuramos construir nossa interação e relação com as pessoas com que pesquisamos e com nossas/nossos colegas. Do mais antigo ao mais recente dos episódios, tratamos sobre o que nos uniu na formulação do projeto: a vontade de tentar compreender esse momento histórico e como a antropologia tem se reinventado.

Uma das questões centrais que atravessaram nosso trabalho foi a constituição de uma estratégia de comunicação e divulgação científica que fizesse sentido dentro do projeto de conhecimento que caracteriza a antropologia. Se, na convencional produção escrita, e mesmo os experimentos visuais, sonoros e audiovisuais, a composição da pesquisa antropológica é perpassada e condiciona algumas das possibilidades narrativas, estéticas e políticas da descrição, no podcast não seria diferente. Nesses termos, as formações de grupo e agentes que constituem podcasts como rede sociotécnica digital afetam não apenas o processo de produção, mas também as expectativas sobre como o conteúdo será consumido.

Algumas dessas possibilidades são viabilizadas pelo conjunto de recursos técnicos possíveis com o digital. Um podcast é não apenas um programa em áudio distribuído em plataformas *online*. Desde nossa perspectiva, deve ser entendido como um conjunto de agenciamentos em rede que permitem a constituição de comunidades de comunicação conectadas digitalmente. Em última instância, o digital emerge não apenas como o meio, mas também como a mensagem, parafraseando McLuhan e Fiore (2018). Ou seja, a composição de um podcast nos insta a pensar que meio e mensagem, elementos centrais na configuração de uma comunidade de comunicação, constituem uma única coisa entremeada. Essa constituição híbrida só é possível pela dimensão digital da interação e relação, abordada de modo polissêmico, tanto como produto quanto como circunstância na qual a comunicação acontece. Extrapolando a sugestão de McLuhan e Fiore, sugerimos que, no contexto que nos é possível ver a partir do podcast, digital é tanto forma quanto conteúdo.

Ainda no que se refere às relações entre podcast, circulação do conhecimento antropológico e meios digitais, a conversão narrativa e estética implica também uma segunda questão importante em nossa reflexão: os mecanismos de tradução. Aqui, eles foram abordados em dois modos. O primeiro deles é o conjunto de categorias que permite com que o “conhecimento antropológico” seja acessado pelo público como “informação” por meio do “conteúdo” produzido e distribuído. Esses mecanismos constituem um processo de “purificação” (LATOUR; WOOLGAR 1997), que a despeito da composição de uma certa etiqueta no uso do corpo e de recursos informacionais e técnicos, está sujeito também às ações e reações que ouvintes estabelecem com o digital. O segundo modo é o exercício de pensar comunicação e divulgação científicas como uma expansão do trabalho intelectual, tornando-o acessível a sujeitos que, não necessariamente, partilham dos códigos e insumos teóricos que nossos pares utilizam. Isso porque, com alguma frequência, somos advertidas de que nossos e nossas convidadas compartilham os programas com colaboradores e interlocutores de pesquisa, produzindo reações e impressões sobre os debates levantados. Como ilustrado no Ato I, eventualmente esses interlocutores também são incitados a assumirem o “lado de cá” do microfone e participar da construção das análises que produzimos no programa.

Por fim, uma terceira questão é o modo como a produção do digital é caracterizada pela circularidade e pelo cruzamento entre mídias, materiais e plataformas que se complementam e constituem a complexidade da rede de processos nos quais estamos inseridas. Por meio de texto, imagens, sons, vídeos manuseamos um amplo arsenal de estímulos que produzem e negociam afetos distintos. A tentativa de reconstruir paisagens sonoras como o teatro no Ato IV, ou a ambiência de certos debates envolvendo a rua e a sociabilidade noturna produzem no corpo experiências que não são as mesmas daquelas que são estimuladas pela relação com a imagem ou com a escrita. Nesse processo, o digital é um campo de possibilidades ambivalentes, demandando a negociação com recursos infraestruturais e técnicos que participam no modo como as sensibilidades se colocam e podem - ou não - potencializar a reação a certos debates ali propostos.

Situar-nos neste momento tem sido um exercício coletivo, diário e preponderante para a projeção do futuro que estamos construindo, dentro de uma perspectiva plural, multivocal e diversa. As redes sociais e a arte têm forte contribuição nessa operação de individualidades múltiplas que inscreve desafios conceituais e inseguranças metodológicas frente a emergência de conhecimentos cada vez mais especializados e específicos nas suas abordagens. O Observantropologia Podcast está em constante processo de construção e, por assim ser, um projeto conscientemente inacabado e reflexivo, intertextual (FLEISCHER; MANICA 2020) e com a contribuição de cada uma/um que se propõe a desvendar junto conosco os caminhos, ainda em descoberta, da podosfera.

Por fim, despedimo-nos: “agradecemos a você que chegou até aqui! Esperamos que os conteúdos produzidos neste podcast possam lhe ajudar um pouquinho a pensar em suas pesquisas, estudos e até mesmo na condução de sua vida e sociabilidades”.

Referências Bibliográficas

- CESARINO, Leticia. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62, n.3, São Paulo, pp.530-557.
- CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2019). *TIC Domicílios: pesquisa sobre o uso de tecnologias da informação e comunicação em municípios brasileiros - 2018*. São Paulo: CGI-BR.
- FRANÇA, Andressa. (2015). *Divulgação Científica no Brasil: espaços de interatividade na Web*. Dissertação (Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade) 136p. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. (2020). “Ativando a escuta em tempos pandêmicos”. *Boletim Ciências Sociais e o novo coronavírus - edição especial n.78*. São Paulo: Anpocs.
- FOUCAULT, Michel. (1997). *História da sexualidade I: A vontade de saber.*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- HINE, Christine. (2007). Multi-Sited Ethnography as a middle range methodology for contemporary STS. *Science, Technology, & Human Values*, Vol. 32, No. 6, pp. 652-671.
- HINE, Christine. (2005). *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. New York: Berg Publishers.
- KALIL, Isabela. (2018). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Relatório final de pesquisa. São Paulo: FESP-SP.
- KIM, Joon Ho. (2004). Cibernética, ciborgues e ciborgues e ciberespaço: Notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. *Horizontes Antropológicos*, vol.10, n.21, Porto Alegre, p.199-219.
- LATOUR, Bruno. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede*. Salvador/Bauru: EdUFBA/EDUSC.

- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LE BRETON, David. (2016). *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis: Vozes.
- LEMONNIER, Pierre. *Mundane Objects: Materiality and Non-Verbal Communication*, Walnut Creek: Left Coast Press, 2012.
- LUNDSTRÖM, Markus; LUNDSTRÖM, Tomas Poletti. (2020). Podcast ethnography. *International Journal of Social Research Methodology*, vol.23, n.6. pp.1-11.
- MARTINS, Andreia de Sousa. (2013). *Plateias da Morte: o fim da vida em comunidades e Velórios Virtuais*. Dissertação de mestrado em Antropologia. João Pessoa: PPGA/UFPB.
- MCLUHAM, Marshall; FIORE, Quentin. (2018). *O meio é a mensagem*. São Paulo: Ubu.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (1999). *A fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. (2004). Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In: *Horizontes Antropológicos*, vol.10, n.21. Porto Alegre: p.41– 65.
- NEMER, David. (2019). “Repensando as desigualdades digitais: as promessas da web 2.0 para os marginalizados”. *Tecnologia e Sociedade*, vol.15, n.35. Curitiba, pp.170-193.
- PINHEIRO, Patrícia dos Santos; SANTOS, Rita de Cássia Melo. (2020). “Observatório Antropológico: Mapeamento o fortalecimento das ações de combate ao Covid-19 na Paraíba (PB), Nordeste do Brasil”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial, pp. 101-111.
- PINK, Sarah; HORST, Heather; POSTILL, John; HJORTH, Larissa; LEWIS, Tania; TACCHI, Jo. (2016). *Digital Ethnography: Principles and Practice*. Sage Publications.
- QUÉAU, Phelippe. (2008). O tempo do virtual. In: PARENTE, André. *ImageMáquina – A era das tecnologias do virtual*. Editora 34, 3ª ed., pp. 91-99.
- RIFIOTIS, Theophilos. (2016). “Desafios Contemporâneos para a Antropologia do Ciberespaço: o lugar da técnica”. In.: SEGATA, Jean. THEOPHILOS, Rifiotis. *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. ABA Publicações. Joinville, Ed. Letradágua, pp.115- 128.
- SEGATA, Jean; THEOPHILOS, Rifiotis. (2016). *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. Joinville: ABA Publicações/ Ed. Letradágua.
- SEGATA, Jean. (2020). “A colonização digital do isolamento”. *Cadernos de Campo*. São Paulo, v. 29, n.1, p. 163-171.
- STRATHERN, Marilyn. (2014). “O efeito etnográfico”. In: STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify,

sobre as autoras

Patrícia dos Santos Pinheiro

Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. É doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), mestra em Desenvolvimento Rural, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Camilla Iumatti Freitas

Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Alagoas.

Anatil Maux de Souza

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe.

Stephanie Sacco

Graduada em Relações Internacionais pela PUC São Paulo e mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Glauco Fernandes Machado

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, com graduação em Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande. É técnico do Laboratório de Antropologia Visual (ARANDU) da Universidade Federal da Paraíba.

Recebido em: 30/09/2020

Aceito para publicação em: 22/12/2020